



## Hermosa Mariposa

**Fernando Freitas Fuão**

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

[Fuao@ufrgs.br](mailto:Fuao@ufrgs.br) / <https://orcid.org/0000-0002-4247-7160>

### Resumo:

Antes da chegada dos colonizadores europeus, as fronteiras entre povos e grupos étnicos eram tênues. Uma sucessão de demarcações territoriais ocorreu desde a chegada deles à custa da vida de milhares de povos indígenas. A cada nova linha de fronteira traçada, mais mecanismos de controle e separação eram impostos. Muitos povos foram divididos entre um país e outro, e até mesmo dentro do mesmo país. Esses povos indígenas conseguiram sobreviver e resistir até hoje, com parentes de ambos os lados que continuam a circular por essas fronteiras. Trouxeram suas patéticas bandeiras cheias de sangue e foram até os confins da terra, para a Patagônia. É preciso entender que os únicos limites que encontramos na natureza são os limites absurdos impostos pelo homem, com suas cercas, muros, leis e regras; suas propriedades que isolaram nossas vidas do único sentido da natureza. Mas mesmo entre uma fronteira e outra, ou mesmo dentro do muro, sempre haverá um último espaço vazio, uma fratura que sempre revelará a falsidade dos contornos e dos conceitos. São esses falsos contornos da representação do poder que devem ser constantemente revisados; as representações dos mapas. Todos falsos fins e começos. Poder é, acima de tudo, representação. A representação do novo imaginário deve começar com um trabalho de apagamento para recuperar o "buen vivir". Foi isso que esses mapas fazem desde a nossa mais tenra infância: quando os olhávamos, copiávamos e memorizávamos mentalmente, delineando cada país acabamos inconscientemente reforçando esses obstáculos físicos. Eles suprimiram a continuidade da vida, do mundo, segmentaram em fragmentos políticos e bíblicos; evocaram seus heróis brancos e territórios, traçaram lugares, pregaram cruces; e, ao mesmo tempo, nos cegaram de toda possibilidade de perceber o espetáculo da continuidade da natureza. A América Latina e Caribe, enquanto analogia formal à uma mariposa, simboliza o espírito da metamorfose, da transformação, da polimerização, da fecundação ao mundo.

**Palavras-chaves:** Mapas, Natureza, América Latina, Povos ancestrais, Abya Ayala, Fronteiras.

### Abstract:

Before the arrival of European colonizers, the borders between peoples and ethnic groups were tenuous. A succession of territorial demarcations occurred from their arrival, at the cost of the lives of thousands of Indigenous peoples. With each new border drawn, more mechanisms of control and separation were imposed. Many peoples were divided between one country and another, and even within the same country. These Indigenous peoples have managed to survive and resist to this day, with relatives on both sides who continue to move across these borders.

They carried their tragic banners soaked in blood and went to the ends of the earth, to Patagonia. It must be understood that the only limits we find in nature are the absurd limits imposed by humans, with their fences, walls, laws, and rules; their properties that isolated our lives from the true meaning of nature. But even between one border and another, or even within a wall, there will always be a last empty space, a fracture that will always reveal the falsity of contours and concepts.

It is these false contours of power representation that must be constantly questioned; the representations of maps. All false beginnings and endings. Power is, above all, representation. The representation of a new imaginary must begin with an act of erasure to reclaim “buen vivir.” This is what maps have done since our earliest childhood: when we looked at them, copied them, and memorized them, tracing each country, we unconsciously reinforced these physical obstacles. They suppressed the continuity of life and the world, segmented it into political and biblical fragments; evoked their white heroes and territories, drew places, nailed crosses; and, at the same time, blinded us to any possibility of perceiving the spectacle of nature’s continuity.

Latin America and the Caribbean, as a formal analogy to a butterfly, symbolize the spirit of metamorphosis, transformation, polymerization, and the fertilization of the world.

**Keywords:** Maps, Nature, Latin America, Ancestral Peoples, Abya Yala, Borders.

## HERMOSA MARIPOSA

Quando os colonizadores europeus chegaram na ‘América do Sul’ as fronteiras entre os povos e etnias eram difusas. Uma sucessão de demarcações territoriais sucederam-se desde suas sucessivas chegadas as expensas das vidas de milhares de povos originários. A cada nova linha limite, mais mecanismo de controle e separação foram implantados nessas fronteiras. Acabou que muitos povos ficaram divididos entre um país e outro, e até dentro do mesmo país pelas divisões internas. Mas, conseguiram sobreviver e resistem até hoje com parentes de um lado e do outro dessas linhas; afora todas as dificuldades seguem circulando nessas fronteiras carregando comida, compras para sua existência, e visitando seus parentes.

A horda de Espanhóis, portugueses, ingleses, franceses, holandeses, trouxeram com suas patéticas bandeiras, inventaram bandeiras para seus novos domínios; não bastando foram até o fim do mundo na Patagônia liquidando muitos *tehuelches*. Ainda hoje, cismam em cravar suas bandeiras, agora cada vez culturalmente mais sutis. Nesses espaços de fronteiras às franjas dessas bandeiras estão lavadas de sangue; a linha, a fronteira é sempre o primeiro lugar do conflito entre os países.

Na natureza não existem fronteiras, as existentes que encontramos são os absurdos limites impostos pelo homem com suas cercas, muros, réguas e leis; delimitando propriedades privadas, e isolando as vidas humanas do sentido com a natureza.

A Amazônia é um dos melhores exemplos dessa indefinição no mundo, sua extensão abrange Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela. Entretanto, se questionarmos onde começa e termina a Amazônia, veremos que se estende para *Anomatí* (além, distante). E se considerarmos o que produz em termos de oxigênio e volume de água; rios aéreos, será impossível (de)limitá-la. Esse território todo definido e indefinido, ao mesmo tempo, está situado na América Latina. Somos os responsáveis e guardiões por seus benefícios positivos para o mundo todo.

Precisamos entender o que une e consegue borrar todas as fronteiras geográficas políticas na América Latina é a natureza, que percorre toda ela, assim também seus povos ancestrais.

Esses povos e comunidades possuem tradicionalmente uma lógica de manejo da terra para a sustentabilidade ambiental, muitas vezes renegada pelo capitalismo, como

a *chagra*<sup>1</sup>, que vem se mostrando a alternativa mais viável para a sobrevivência da Amazônia. Uma cultura onde “palavra e terra” são indissociáveis, como tão bem descreveram Fajardo e Galvis em seu trabalho de educação e arte junto as comunidades indígenas de Jenoy (Colômbia): “*la palabra germina de la tierra, la madre, la herida, en el vientre de la noche, entre las voces de la memoria donde se gesta el porvenir*”<sup>2</sup>.

Hoje, essas comunidades e povos na Amazônia na parte dita brasileira estão ameaçada pelas políticas nazifascistas de desmatamento para exportação de madeiras, pelas queimadas para exploração da pecuária, e pela mineração; afetando profundamente a vida dos indígenas na Amazônia, como é o caso dos Yanomamis. Lamentavelmente, o terror sempre fez parte da colonização, o terror aplicado impiedosamente sobre os povos indígenas mediante punição de seus corpos; e o prazer de matá-los muitas vezes como pura diversão ainda persegue os dias de hoje.

Segundo Michael Tassig, a criação da realidade colonial que ocorreu no Novo Mundo permaneceu tema da imensa curiosidade e estudo, onde os ‘irracionalistas’ indígenas e africanos se tornaram obedientes à razão de um pequeno número de cristãos brancos.”<sup>3</sup>

Então, temos várias ameaçadas de todos os lados na Amazônia, mas entre elas acompanha o terror as comunidades indígenas, o genocídio intermitente que data da primeira colonização, assim como o nefasto projeto que se segue até hoje de domesticação desses povos através da catequese.

É exatamente essa geopolítica baseada na definição, na separação dos povos indígenas que corrobora a prática do terror. Por um lado bastante precisa nos mapas de

todos os pais latino americano; mas por outro lado, com toda tecnologia, ainda é difícil encontrarmos um mapa unificado da Amazônia que abarque todos esses países, que principalmente enlace toda as centenas de etnias que ali vivem. Infelizmente, toda nossa visão esta seccionada, restrita, pelas fronteiras e contornos de todos os pais da América Latina por esses mapas.

Foi isso que esses mapas fizeram desde nossa tenra infância, quando olhávamos, copiávamos e decorávamos a divisão, quando desenhávamos o contorno dos vários países, colorindo, assinalando, decorando também respectivas capitais reafirmávamos simultaneamente o capital. Eis os três pilares do capitalismo: colonização, domesticação e modernidade.

O que nos ensinaram e ensinam no segundo grau; nas páginas ‘brancas’ da historia branca e da geografia sobre esses povos é uma infâmia. Os ditos civilizados ‘superiores’ ainda utilizam-se de palavras para se referirem a esses povos mediante expressões que julgam depreciativas como: caçadores, nômades, coletores para condená-los adjetivamente e fisicamente, como se fosse sinal de inferioridade ante o sedentarismo de nossa sociedade civilizada. Isso, quiçá, porque não trabalham alucinadamente como os ocidentais, não exploram, vivem em casas perfeitamente adequadas ao clima e sua cultura como as malocas. Os civilizados ainda desconhecem o profundo sentido sagrado da Maloca, em sua interioridade. Como bem retratou Krenak, “O pensamento vazio dos brancos não consegue conviver com a ideia de viver à toa no mundo, acham que o trabalho é a razão da existência. Eles escravizaram tanto os outros que agora precisam escravizar a si mesmos. Não podem parar e experimentar a vida como um dom e o mundo como um lugar maravilhoso (...)

---

1 - A *chagra* é uma espécie de horta comunitária em lugares semi rurais ou rurais que segue os princípios ancestrais de manejo e o tempo de regeneração da terra. Essa agricultura é uma espécie de arte da convivência entre todos os seres. As plantas criam os homens, e os homens cuidam das plantas.

2 - Jonathan Fajardo e Jacqueline Ceballos Galvi. Alternativas educativas em la comunidade de Jenoy. Em: Mora, Lucy Benavides; Galvis, Jacqueline Ceballos;. Ceballos Rosero, Franco; Fajardo Jonathan et alli. Memórias em movimento tejiendo pensamento y vida desde los entornos culturales de San Juan de Pasto. Editorial Universitaria – Universidad de Nariño. Instituto Andino de Artes Populares – IADAP. San Juan de Pasto, 2012, p.128

3 - Michael Taussig. *Xamanismo, Colonialismo e o homem selvagem. Um estudo sobre o terror e a cura.* Paz e Terra. São Paulo. 1993. P. 27.

Como se ‘civilizar-se’ fosse um destino. Isso é uma religião lá deles: a religião da civilização”<sup>4</sup>

O que se percebe são sempre fragmentos da Amazônia nos mapas de cada respectivo país. É assim que desde pequenos, as crianças, os adolescentes e até os adultos ficam limitados em seus pensamentos ao não conseguirem visualizar a continuidade da natureza. Os mapas políticos geográficos se constituem uma espécie de viseira como àquela que se coloca nos animais para limitar sua visão lateral. E, essa visão recortada da natureza está diretamente associada à criação dos Estados Nações europeus, dos Estados soberanos no século XVII e XVIII, quando decidiram estabelecer uma definição maior de suas fronteiras e unificar as diversas línguas e dialetos dentro desses respectivos países europeus; e que em nada interessa aos povos originários.

Nessas fronteiras, nessas linhas que se constituem os chamados mapas geográficos políticos, tudo que passa por esses limites deve ser identificado. Mas, mesmo entre uma fronteira e outra, ou mesmo no muro sempre existirá um espaço último vago, uma fratura que revelará sempre a falsidade dos contornos e conceitos, das linhas e conceitos. São esses falsos contornos da representação do poder que devem ser repassados constantemente; enfim, todas as representações dos mapas, e incluso os mapas da cidade; todos os falsos fins e começos que nos impede de ver mais além.

Bom lembrar que representação também é poder, e o poder se exerce basicamente pela representação. Dai a importância de começar a construir novas representações, açoitando o fogo da imaginação e do desejo, para que produzam um retraçamento (*retrait*), um apagamento dessas linhas para a retomada desse bem viver, ‘buen vivir’ (*sumak kawsay*, na língua *quéchua*). Um lugar que ainda possa propiciar aos agonizantes homens civilizados perceber que não há diferenciação entre cultura natureza, e sim uma grande convivência entre todos os seres vivos.

Quão belo é perceber a América latina com o verde exuberante e rios azulados; vista de cima ela se parece a uma gigantesca asa de borboleta, *una hermosa mariposa*.

O nome América Latina, ironicamente chamada de América latina; ‘sur de mierda’ como se refere José Luiz Grosso, em seu artigo *Sur* nos torna eternamente dependente da Europa; e agora também dos EUA desde a Segunda Guerra Mundial. América do sul, para os que vivem acima o sul é exatamente onde tem o sol, é a terra do sol, o El dorado, onde tudo que reluz é ouro. O mesmo sul que brilha e seguem até hoje retirando nossas riquezas ilegalmente, como a Apple, Amazon, Google e Microsoft (GAFAM) das terras indígenas dos Kayapós. Como explica José Luiz Grosso, “*sur en francés: sobre, encima, sur. (...) “Y qué hacemos con el ‘sur’? Y que nombre le pondremos? Que sur-nombre (sobrenome)? Si tampoco el nombre meridional ni le alcanza, ni le basta em hors-méridien longura interminable tierra abajo... Y ‘sur’ nombra al sol em referencia europea eurocêntrica, al ser la región más expuesta al astro.”*”<sup>5</sup>

Os colonizadores nunca imaginaram que o giro ao redor do sol de lá não é igual aos distintos giros ao redor do sol daqui. Aqui, o sol gira em torno da ancestralidade e da eternidade. Para esses povos originários cada lugar tem seu centro, trata-se, portanto de outra cosmovisão, porque decididamente, o sol de lá não é o mesmo sol daqui. Nenhum sol é igual a outro, e *Kúara* (Guaraci, Quaraci, Coaraci ou Coraci ) não é Osiris.

Cada vez é mais premente recriar, reparar esse imaginário ancestral; recuperar outros mitos fundadores que a história do civilizado ocultou. Isso se atrela ao ataque às representações, aos mapas e nomeações. Começa-se então a entender esse processo redesenhando sem linhas, ou retraçando com uma infinidade de outras linhas sobre essa linha totalizadora, para confundi-la como se faz nos desenhos, sobrepondo novas linhas com a finalidade de retificar, e descontornar aquilo que foi traçado, uma vez num tratado. Transtornar o limite e o centro. A linha é aquilo que une dois pontos, desenha, delinea, contorna

4 - Krenak, Ailton. *A vida não é útil*. Editora Schwarcz. São Paulo. 2020. P. 113

5 - Grosso José Luiz. *Sur*. Em, TOBAR, Javier.(org.) *Derrida desde el sur. La Universidad del Monte o el pensamiento sin claustro*. Editorial Universidad de Cauca. Popayán. 2017. P.23, op. cit.; p. 24

as fronteiras, e de algum modo em termos de descolonização é ela que acorrenta o colonizado ao colonizador. Ata e separa. Separa que os que estão de um lado e de outro. A língua é similar a linha, e vice-versa. Ela une os iguais e separa os diferentes.

Na natureza, lá ou ali, os traços e traçados borram-se com muita intensidade, até as línguas se misturam uma na outra, uma sobre outra. Tudo se indefine definindo, se desvanece e revela muitas vezes outra natureza não visível, mas que se conecta com o espectral; 'otromundo', que os xamãs conhecem muito bem.

Atente-se que, a finalidade da representação é nos eludir de sua própria falsidade, a finalidade dos mapas não é só colocar os limites, as linhas, mas também nos fazer crer em sua falsidade, que as coisas terminam ali justo no contorno, na linha, no traço do traço. Foi assim que nossa imaginação sobre o mundo e sobre a natureza ficou limitada desde o início. A densidade dessas linhas é tão espessa e profunda como uma gigantesca cicatriz sempre a sangrar; infectada parasitariamente pelo colonialismo, cristianismo, escravidão, racismo, capitalismo e modernidade.

O desejo de apagamento, de borrar esses mapas é o paradoxo da busca do traço como sinal, do que falta e do que excede, da essência como carência e como excesso ao mesmo tempo. No fim nunca haverá uma linha, um contorno, um conceito. Na natureza não existem linhas, tudo está atado, uma coisa está atada à outra, às vezes sem fio, só no entrelaçamento invisível do desejo. À noite, mesmo a distancia, as estrelas entrelaçam todos os diferentes povos do mundo e suas visões.

Em suas bordas as coisas e seres não são uma coisa nem outra, o mundo esta sempre tentando se transformar, transfigurar, transbordar para o outro, ser o outro mediante a força do desejo de tudo de tornar um só. Tanto no mundo orgânico como inorgânico, as coisas estão sempre guardando relações não somente com coisas próximas, mas reenviando incessantemente ao longínquo, como vestígio.

Qualquer tentativa à saída da servidão capitalista deve começar por recriar, retratar, reparar esse imaginário ancestral; recuperar, acolher outros mitos fundadores que a história do civilizado ocultou. Ver outras tantas filosofias e pensares distintos e próximos. Como se referiu Bruno Mazzoldi, "Não apenas uma, mas muitas. Aqui e em qualquer lugar, mais do que uma filosofia, vale a pena falar de uma pluralidade de linguagens filosóficas".<sup>6</sup>

Tudo isso está diretamente atrelada à profanação desses mapas, para sedimentar o mapa *Abya Ayla*. Mais cedo ou mais tarde teremos que enfrentar a problemática da representação dos mapas, e incluso das moedas e outras tantas outras representações. Precisamos unir o que foi separado, não como massa, mas numa multitude de diversidades.

Essa reflexão sobre as bordas da vida, as linhas da vida, só importará se declararmos que esse 'eu', o eu contornado que sou sempre será um pouco ou muito desse 'outro', e que esses 'outros', homens, animais, vegetais e espíritos também vivem fisicamente em minha em carne. Me constituem, guardam dentro de si e dentro de mim, 'me pensam', 'sou pensado' de uma maneira ou de outra pelos esses outros (vegetais, animais, espíritos), constituindo o "nós", entrelaçados como estrelas.

---

6 - Paulo Ilich Bacca. Desconstrução do Sul: *Sobre Bruno Mazzoldi e Jacques Derrida*. Blog da APA. 19 de novembro de 2018. Em: <https://blog.apaonline.org/2018/11/19/deconstruction-from-the-south-on-bruno-mazzoldi-and-jacques-derrida/> ¼.

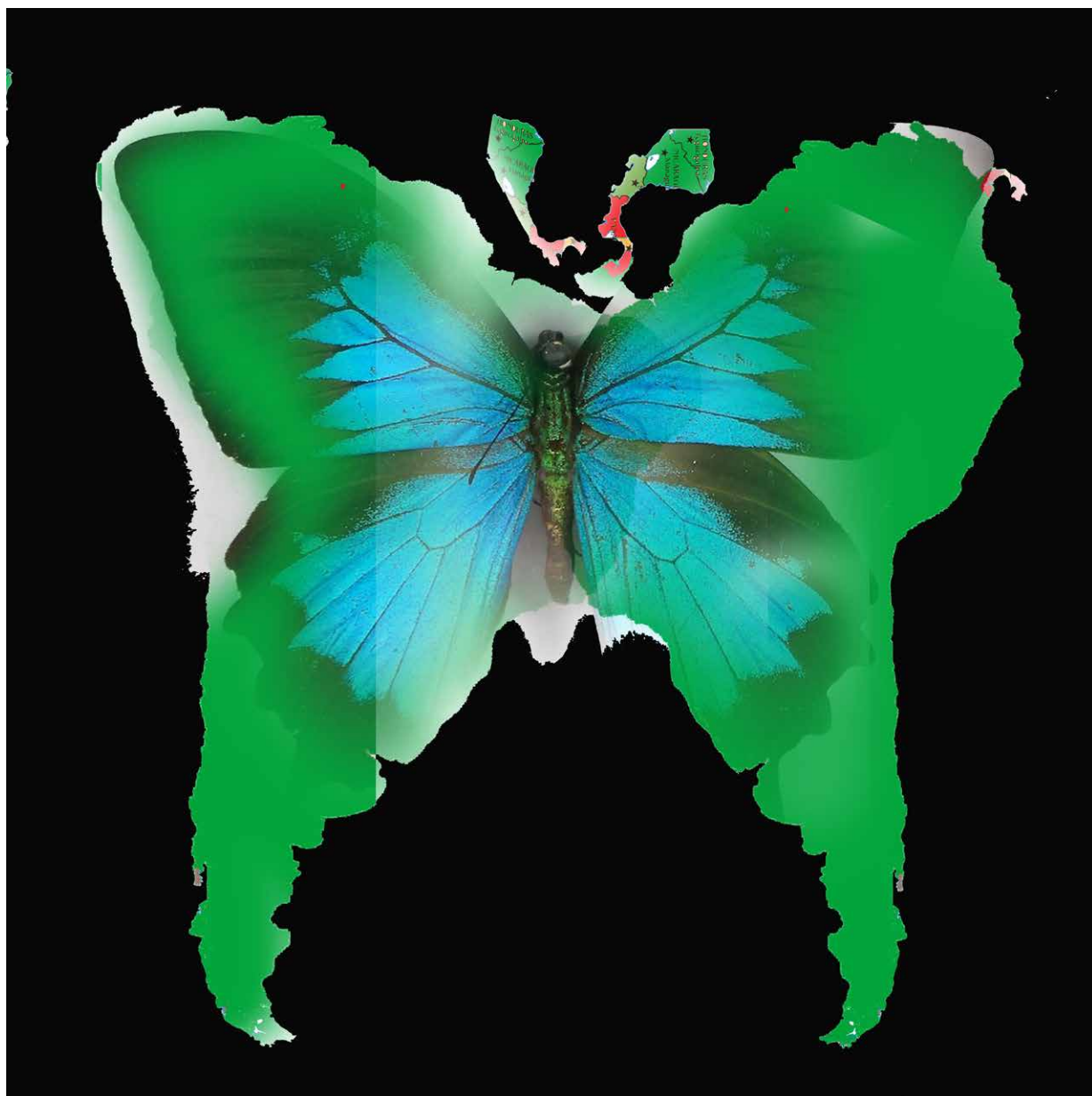


Figura 1. hermosa mariposa

Link para o vídeo: [https://youtu.be/Q\\_s335w9PtA?si=9J3LOXinFFMYkCch](https://youtu.be/Q_s335w9PtA?si=9J3LOXinFFMYkCch)



## Referências Bibliográficas

BACCA, Paulo Ilich. Desconstrução do Sul: *Sobre Bruno Mazzoldi e Jacques Derrida*. Blog da APA. 19 de novembro de 2018. Em: <https://blog.apaonline.org/2018/11/19/deconstruction-from-the-south-on-bruno-mazzoldi-and-jacques-derrida/> ¼.

FAJARDO, Jonathan; CEBALLOS, Jacqueline Galvi. Alternativas educativas em la comunidade de Jenoy. Em: Mora, Lucy Benavides; Galvis, Jacqueline Ceballos; Ceballos Rosero, Franco; Fajardo Jonathan et alli. *Memorias em movimento tejendo pensamento y vida desde los entornos culturales de San Juan de Pasto*. Editorial Universitaria – Universidad de Nariño. Instituto Andino de Artes Populares – IADAP. San Juan de Pasto, 2012

GROSSO, José Luiz. *Sur*. Em, TOBAR, Javier.(org.) *Derrida desde el sur. La Universidad del Monte o el pensamiento sin claustro*. Editorial Universidad de Cauca.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. Editora Schwarcz. São Paulo. 2020.

MAZZOLDI, Bruno.

TAUSSIG, Michael *Xamanismo, Colonialismo e o homem selvagem. Um estudo sobre o terror e a cura*. Paz e Terra. São Paulo. 1993.

